



Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre



Abri
l 2022

Intenção de Oração do Santo Padre



EVANGELIZAÇÃO

Abril: Pelo pessoal de saúde

Rezemos para que o compromisso do pessoal de saúde na assistência às pessoas doentes e aos idosos, sobretudo nos países pobres, seja apoiado pelos governos e pelas comunidades locais.

AO DOAR 0,5% DO SEU IRS, SEM QUALQUER CUSTO PARA SI,

estará a ajudar a **Fundação AIS**, no seu trabalho junto dos Cristãos perseguidos e necessitados, em cerca de 145 países.



Religiosa distribui alimentos em Kharkiv, Ucrânia

Para isso, basta que no Modelo 3, Quadro 11, Campo 1101, seleccione a opção “Instituições religiosas” e insira o NIF da **Fundação AIS: 505 152 304**

11 Consignação de 0,5% do IRS / Consignação do Benefício de 15% do IVA Suportado

Entidades Beneficiárias

- 1101 **Instituições religiosas (art.º 32.º, n.º4, da Lei n.º16/2001, de 22 de junho)**
- 1101 Instituições particulares de solidariedade social ou pessoas coletivas de utilidade pública (art.º 32.º, n.º6, da Lei n.º16/2001, de 22 de junho)
- 1102 Pessoas coletivas de utilidade pública de fins ambientais (art.º 14.º, n.ºs 5 e 7, da Lei n.º 35/98, de 18 de julho)
- 1103 Instituições culturais com estatuto de utilidade pública (art.º 152.º do CIRS)

NIF

IRS IVA

SEMENTES DE ESPERANÇA - Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

PROPRIEDADE Fundação AIS
DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt
REDACÇÃO E EDIÇÃO Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj,
Alexandra Ferreira
FONTE L'Église dans le monde - AIS França
FOTOS © AIS, © Fotografia de campanha de Gabriel Boric

CAPA James Tissot, *Pedro e João correm para o sepulcro*
PERIODICIDADE 11 edições anuais
IMPRESSÃO Gráfica Artipol
PAGINAÇÃO JSDesign
DEPÓSITO LEGAL 352561
ISSN 12, 2182-3928

Viver o espírito desta Quaresma muito especial

A preparação para a Páscoa ainda não há muito tempo, até à reforma do *ano litúrgico* depois do Vaticano II, começava muito antes da Quaresma. A data da Páscoa era anunciada na festa da Epifania, e começava assim a progressiva sensibilidade de toda a Igreja, a qual, 70 dias antes, já celebrava o domingo da *septuagésima*, e depois o da *sexagésima* e, finalmente, o da *quingüagésima*, imediatamente antes da entrada oficial na Quaresma com a celebração da *Quarta-feira de Cinzas*. Estes domingos eram assinalados com leituras especiais, e os pregadores preparavam sermões que eram não só catequeses sobre determinados temas da doutrina cristã, mas também, em alguns casos, autênticas peças literárias, como o célebre sermão da *sexagésima*, do Padre António Vieira.

Infelizmente, perdeu-se na Igreja esta tradição dos *sermões*, que permitiam, pela sua duração, que podia ultrapassar uma hora, uma formação catequética aprofundada sobre as verdades da fé. Hoje há indicações de que as homilias devem ser curtas,

as celebrações breves, porque as comunidades paroquiais vivem sempre apressadas, mesmo no Domingo, que devia ser um dia de distensão e de descanso. Os sermões foram substituídos pelas *conferências* feitas por especialistas, fora das Missas. Ora, a maior parte dos fiéis que vai à Missa dominical não participa nestas palestras. Mas uma conferência não é o mesmo que um sermão, que uma pregação, que é essencialmente o anúncio, apoiado no testemunho do pregador ou de exemplos de santos que viveram as verdades da fé, com o objectivo de levar os ouvintes, que se encontram numa atitude de escuta e de oração, a conformar as suas vidas com o Evangelho pregado!

A Quaresma é um tempo favorável para escutar a Palavra de Deus e confrontar a própria vida com ela: e a Palavra de Deus, como diz a Escritura, é como uma espada afiada com dois gumes (cf. Heb 4,12), que penetra, que corta, que dilacera e que chama à verdade a nossa vida, pondo a nu e trazendo para a luz do dia, aquilo que, como Adão e Eva, procuramos esconder: “ouvindo os passos do

Senhor, esconderam-se, porque estavam nus” (cf. Gn 3,8).

Tomemos a sério os exercícios quaresmais. Hoje perdeu-se o sentido do jejum, e é uma prática quase residual, na Quarta-feira de Cinzas e na Sexta-feira Santa. Mas damos muita atenção às dietas, que os médicos ou os nutricionistas nos prescrevem. Queremos ter saúde ou cuidar do nosso aspecto exterior. Mas esquecemos a nossa saúde espiritual, o nosso bem-estar moral, cuja receita nos é dada pela Palavra de Deus ouvida com religioso assentimento: “nem só de pão vive o homem, mas de toda a Palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4). Afinal, como vai a nossa dieta espiritual, na Quaresma e ao longo de todos os dias do ano? A esmola, que não é uma ajuda humanitária nem filantrópica, mas arriscar no dinheiro, como sinal de acreditarmos na Providência Divina, mas fazendo, como diz Jesus, de modo que aquele a quem se dá não saiba quem foi o dador, que a mão direita não saiba o que faz a esquerda (cf. Mt 6,3): “que vale ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois perde a sua alma?” (Mt 16,26). A oração é o terceiro exercício espiritual próprio da Quaresma. Quantas horas do nosso dia dedicamos ao recolhimento e

à oração? Hoje muitos descobrem os benefícios da *meditação transcendental*, ou seja, de como é importante para a saúde mental um tempo de silêncio e de recolhimento: “entra no teu quarto, fecha a porta e fala com Deus” (cf. Mt 6,6). O teu quarto, como a casa, são o espaço físico no qual nos recolhemos; mas podem ser o nosso corpo, como o espaço no qual habitamos.

A Quaresma é um tempo oportuno para vermos como vai a nossa vida, no mundo agitado em que nos encontramos e no frenesim de agora em que nos pedem para andarmos todos juntos, no *caminho sinodal*. Será que sabemos mesmo *para onde vamos*?

A Quaresma é o tempo de graça durante o qual nos é oferecida a possibilidade de vermos bem a direcção para onde vamos, o caminho que percorremos, que não pode ser outro senão aquele que o mesmo Senhor nos indicou, quando disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Não desperdicemos esta graça, esta oportunidade, que pode ser a última, que nos é dada nesta Quaresma muito especial.

Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj
Assistente Espiritual da Fundação AIS

Superfície:756,102 km²**População:**

18,5 milhões

Religiões:

Cristãos: 87,7%

Agnósticos: 8,7%

Ateus: 2,4%

Outras: 1,2%

Língua:

Espanhol

**CHILE****UM MOMENTO-CHAVE
PARA A IGREJA**

O novo presidente chileno, Gabriel Boric, anuncia um retorno ao Estado providência e a uma política social de esquerda. Está a tomar as rédeas de um país em plena crise social.

Depois da eleição triunfal de Gabriel Boric a 19 de Dezembro último, a Conferência Episcopal Chilena felicitou o novo presidente: “O país entregou-vos a sua confiança e uma grande missão, destinada a dirigir o destino do nosso país enquanto primeira autoridade e primeiro servidor.” O comunicado assegura também: “Conte com o nosso apoio e com as nossas orações, assim como com

a contribuição da nossa acção pastoral.” Mas, para além disso, algumas exigências mais pormenorizadas desejadas pelo episcopado chileno todavia ficaram de fora. O Arcebispo de Concepción, D. Fernando Chomali, quis assim que sejam reconhecidos e valorizados “a alma religiosa do povo Chileno... o imenso trabalho realizado pela Igreja e tantas outras instituições... e a família



A Igreja da Assunção (Santiago) completamente vandalizada por ocasião das manifestações.



O jovem presidente Gabriel Boric

como lugar onde se pode aprender a crescer”. Uma declaração que permite antever os receios de uma parte dos Chilenos de ver o presidente voltar as costas ao Cristianismo, que é intrínseco à sociedade chilena. Favorável à legalização do aborto, que é, hoje em dia no Chile, reservado a casos críticos, também já se pronunciou sobre o “avanço dos direitos LGBT” durante a campanha eleitoral.

DESTRUIÇÃO DE IGREJAS

Instados pelo seu jovem presidente, uma parte da nova geração chilena seria provavelmente mais desligada da religião do que os mais velhos. Vários observadores sociólogos e jornalistas locais de renome fazem eco desse facto, como Florencia Varas, ex-correspondente do *The Times* e do *Sunday Times* no Chile, que escreveu que a maioria das gerações nascidas a partir de 1974 não pertence a qualquer religião organizada e não se interessa por esses assuntos. Assim, no centro dos acontecimentos

de 2019, a Igreja foi vítima de comportamentos extremos dirigidos contra os seus edifícios. O Relatório da Liberdade Religiosa, publicado pela AIS em Abril de 2021, refere que cerca de 60 igrejas e templos cristãos foram vandalizados no Chile desde Outubro de 2019. Acções que foram ao ponto da destruição pelo fogo de alguns lugares como a Igreja da Assunção, em Santiago do Chile.

NOVA CONSTITUIÇÃO

Por enquanto, o país parece ter encontrado um equilíbrio. Uma assembleia constituinte especialmente destinada à “redacção” da nova Constituição. O projecto deveria ser submetido a referendo no fim de Junho de 2022. A este propósito, Claudio Fuentes, professor de ciência política na Universidade Diego Portales, informou os nossos colegas da *FranceTVInfo* que a nova Constituição deverá ser “mais próxima de um modelo social-democrata com um Estado mais forte, mais direitos sociais, um reconhecimento

O Pe. Pedro Narbona, pároco da Igreja da Assunção que foi saqueada duas vezes.



dos direitos dos povos autóctones, o direito à habitação, que não existem na Constituição de hoje, e depois provavelmente os direitos da natureza e dos animais”. Uma vontade de inclusão social que se inscreve na dimensão da justiça e fraternidade desejada pela instituição eclesial. Os meses que se seguem serão, sem dúvida, a ocasião, tanto do lado dos representantes do episcopado como do presidente eleito, para medir as zonas de flexibilidade e os pontos de tensão de uns e outros. O apelo potencial a uma destruição da instituição do matrimónio e da representação de minorias, aos quais o novo presidente não é indiferente, poderia suscitar atritos. A subida de tom das acusações sobre o comportamento de representantes religiosos em matéria de agressão sexual e a forma como a Igreja chilena assumirá a sua parte da responsabilidade para além de gestos fortes, como a demissão de 34 bispos em 2018, será sem dúvida mais um marcador nos tempos que se aproximam. A reconquista e finalmente a coesão

política, social e religiosa do país tem, sem dúvida, este preço.

Oração

Para que o Chile continue a ser fiel ao Cristianismo e consiga ultrapassar a crise social que o tem fustigado, nós Te pedimos Senhor.

SINAIS DE ALERTA

Trinta e cinco anos, agnóstico, defensor das qualidades do laicismo, levado pela esperança de repor o Estado providência no centro do jogo e de aplinar as desigualdades sociais na origem das graves tensões que atravessam o Chile desde 2019, as quais não pouparam a Igreja Católica. Isto abre caminho a várias interpretações ao simbolismo do farol batido pelas ondas tatuado no antebraço do novo presidente da República do Chile, Gabriel Boric, em homenagem à sua região natal, a Patagónia.



ORAÇÃO PELA PAZ

Escuta a minha voz
porque é a voz das vítimas de todas as *guerras*
e da *violência* entre os indivíduos e as nações;

Escuta a minha voz,
porque é a voz de todas as *crianças* que sofrem
e sofrerão todas as vezes que os povos depuserem
a sua confiança nas *armas e na guerra*;

Escuta a minha voz,
quando Te peço para infundir nos corações
de todos os seres humanos a *prudência da paz*,
a força da justiça e a alegria da amizade;

Escuta a minha voz,
porque falo pelas multidões de todos os Países
e de todos os períodos da história
que não querem a guerra e estão prontas a percorrer o *caminho da paz*;

Escuta a minha voz
e dá-nos a capacidade e a força
para podermos responder sempre ao ódio com o amor,
à injustiça com uma *dedicação total à justiça*,
à necessidade com a nossa própria *participação*,
à guerra com a *paz*.

Ó Deus, escuta a minha voz e concede ao mundo
para sempre a Tua paz.

São João Paulo II, Hiroxima, 25 de Fevereiro de 1981



NÃO SEPULTES A ESPERANÇA!

1. As mulheres vão ao túmulo levando os aromas, mas temem que a viagem seja inútil, porque uma grande pedra bloqueia a entrada do sepulcro. O caminho daquelas mulheres é também o nosso caminho; lembra o caminho da salvação, que voltamos a percorrer nesta noite. Nele, parece que tudo se vai estilhaçar contra uma pedra: a beleza da criação contra o drama do pecado; a libertação da escravidão contra a infidelidade à Aliança; as promessas dos profetas contra a triste indiferença do povo. O mesmo se passa na história da Igreja e na história de cada um de nós: **parece que os passos dados nunca levam à meta.** E assim pode insinuar-se a ideia de que a frustração da esperança seja a obscura lei da vida.

Hoje, porém, descobrimos que o nosso caminho não é feito em vão, que não esbarra contra uma pedra tumular. Uma frase incita as mulheres e muda a história: “Porque buscais o Vivente entre os mortos?” (Lc 24,5); porque pensais que tudo seja inútil, que ninguém possa remover as vossas pedras? Porque cedeis à resignação ou ao fracasso? **A Páscoa, irmãos e irmãs, é a festa da remoção das pedras. Deus remove as pedras mais duras, contra as quais vão embater esperanças e expectativas: a morte, o pecado, o medo, o mundanismo.** A história humana não acaba frente a uma pedra sepulcral, já que hoje mesmo descobre a “pedra viva” (cf. 1 Pe 2,4): **Jesus ressuscitado. Como Igreja, estamos fundados sobre Ele e, mesmo quando desfalecemos, mesmo quando somos tentados a julgar tudo a partir dos nossos**

fracassos, Ele vem fazer novas todas as coisas, inverter as nossas decepções. Nesta noite, cada um é chamado a encontrar, no Vivente, Aquele que remove do coração as pedras mais pesadas. Perguntemo-nos, antes de mais nada: Qual é a minha pedra a ser removida, como se chama esta pedra?

Muitas vezes, a esperança é obstruída pela pedra da falta de confiança. Quando se dá espaço à ideia de que tudo corre mal e que sempre vai de mal a pior, resignados, chegamos a crer que a morte seja mais forte que a vida e tornamo-nos cínicos e sarcásticos, portadores dum desânimo doentio. Pedra sobre pedra, construímos dentro de nós um monumento à insatisfação, o sepulcro da esperança. Lamentando-nos da vida, tornamos a vida dependente das lamentações e espiritualmente doente. Insinua-se, assim, uma espécie de psicologia do sepulcro: tudo termina ali, sem esperança de sair vivo. Mas, eis que surge a pergunta desafiadora da Páscoa: Porque buscais o Vivente entre os mortos? O Senhor não habita na resignação. Ressuscitou, não está lá; não O procureis, onde nunca O encontrarás: não é Deus dos mortos, mas dos vivos (cf. Mt 22,32). **Não sepultes a esperança!**

Há uma segunda pedra que, muitas vezes, fecha o coração: a pedra do pecado. O pecado **seduz, promete coisas fáceis e prontas**, bem-estar e sucesso, mas, depois, dentro deixa **solidão e morte**. O pecado é procurar a vida entre os mortos, o sentido da vida nas coisas que passam. Porque buscais o Vivente entre os mortos? Porque não te decides a deixar aquele pecado que, como pedra à entrada do coração, impede à luz divina de entrar? Porque, aos lampejos cintilantes do dinheiro, da carreira, do orgulho e do prazer, não antepões Jesus, a luz verdadeira (cf. Jo 1,9)? Porque não dizes às vaidades mundanas que não é para elas que vives, mas para o Senhor da vida?

2. Voltemos às mulheres que vão ao sepulcro de Jesus... À vista da pedra removida, sentem-se perplexas; ao ver os anjos, ficam – diz o Evangelho – “amedrontadas” e “voltassem o rosto para o chão” (Lc 24,5). **Não têm a coragem de levantar o olhar. E quantas vezes nos acontece o mesmo! Preferimos ficar encolhidos nos nossos limites, escondidos nos nossos medos.** É estranho! Mas, porque o fazemos? Muitas vezes porque, no fechamento e na tristeza, somos nós os protagonistas, porque é mais fácil ficarmos sozinhos nas celas escuras do coração do que abrir-nos ao Senhor. **E, todavia, só Ele levanta.** Uma poetisa escreveu: “Só conhecemos a nossa altura, quando somos chamados a levantar-nos” (E. Dickinson). O Senhor chama-nos para nos levantarmos, ressuscitarmos à sua Palavra, olharmos para o alto e cremos que estamos feitos para o Céu, não para a terra; para as alturas da vida, não para as torpezas da morte: Porque buscais o Vivente entre os mortos?

Deus pede-nos para olharmos a vida como a contempla Ele, que em cada um de nós sempre vê um núcleo incancelável de beleza. No pecado, vê filhos carecidos de ser levantados; na morte, irmãos carecidos de ressuscitar; na desolação, corações carecidos de consolação. Por isso, não temas! O Senhor ama esta tua

vida, mesmo quando tens medo de a olhar de frente e tomar a sério. Na Páscoa, mostra-te quanto a ama. Ama-a a ponto de a atravessar toda, experimentar a angústia, o abandono, a morte e a mansão dos mortos para de lá sair vitorioso e dizer-te: “Não estás sozinho, confia em Mim!” **Jesus é especialista em transformar as nossas mortes em vida, os nossos lamentos em dança** (cf. Sl 30,12). Com Ele, podemos realizar também nós a Páscoa, isto é, a passagem: passagem do fechamento à comunhão, da desolação ao conforto, do medo à confiança. Não fiquemos a olhar para o chão amedrontados, fixemos Jesus ressuscitado: o seu olhar infunde-nos esperança, porque nos diz que somos sempre amados e que, não obstante tudo o que possamos combinar, o amor d’Ele não muda. **Esta é a certeza não negociável da vida: o seu amor não muda.** Perguntemo-nos: Na vida, para onde olho? Contemplo ambientes sepulcrais ou procuro o Vivente?

3. Porque buscais o Vivente entre os mortos? As mulheres escutam a advertência dos anjos, que acrescentam: “Lembrai-vos de como vos falou, quando ainda estava na Galileia” (Lc 24,6). Aquelas mulheres tinham esquecido a esperança, porque não recordavam as palavras de Jesus, a chamada que lhes fez na Galileia. Perdida a memória viva de Jesus, ficam a olhar o sepulcro. A fé precisa de voltar à Galileia, reavivar o primeiro amor com Jesus, a sua chamada: precisa de O recordar, ou seja – literalmente –, de voltar com o coração para Ele. Voltar a um amor vivo para com o Senhor é essencial; caso contrário, tem-se uma fé de museu, não a fé pascal. **Mas Jesus não é um personagem do passado, é uma Pessoa vivente hoje; não Se conhece nos livros de história, encontra-Se na vida.** Hoje, repassemos na memória o momento em que Jesus nos chamou, quando venceu as nossas trevas, resistências, pecados, como nos tocou o coração com a sua Palavra.

Irmãos e irmãs, voltemos à Galileia.

*Recordando Jesus, as mulheres deixam o sepulcro. A Páscoa ensina-nos que o crente se detém pouco no cemitério, porque é chamado a caminhar ao encontro do Vivente. Perguntemo-nos: na minha vida, para onde caminho? Sucede às vezes que o nosso pensamento se dirija continua e exclusivamente para os nossos problemas, que nunca faltam, e vamos ter com o Senhor apenas para nos ajudar. Mas, deste modo, são as nossas necessidades que nos orientam, não Jesus. E continuamos a buscar o Vivente entre os mortos. E quantas vezes, mesmo depois de ter encontrado o Senhor, voltamos entre os mortos, repassando intimamente saudades, remorsos, feridas e insatisfações, sem deixar que o Ressuscitado nos transforme! **Queridos irmãos e irmãs, na vida demos o lugar central ao Vivente. Peçamos a graça de não nos deixarmos levar pela corrente, pelo mar dos problemas; a graça de não nos estilhaçarmos contra as pedras do pecado e os rochedos da desconfiança e do medo. Procuremo-Lo a Ele, deixemo-nos ser procurados por Ele, procuremo-Lo em tudo e antes de tudo. E com Ele, ressuscitaremos.***

O PEDIDO DA MÃE



*Um mês antes da comemoração das aparições de Nossa Senhora em Fátima, vemos o mundo mergulhado num clima assustadoramente semelhante ao de um passado recente. A pergunta a que todos nós, devotos da Mãe de Deus, nomeadamente os portugueses, a quem Ela se dignou aparecer de forma tão especial, somos obrigados a responder é a seguinte: **Acreditamos, levamos a sério e cumprimos o pedido que a Nossa Mãe fez em 1917?** Seja qual for a resposta, ainda estamos a tempo de evitar o pior. Para isso, devemos relembrar os factos do passado. A salvação do mundo e das almas depende da nossa resposta...*

As aparições dos tempos modernos não se compreendem sem uma palavra-chave na história da salvação: a conversão. Maria convida toda a humanidade, através dos videntes, a mudar de vida e a regressar a Deus.

A importância do pedido “convertei-vos” dos profetas no Antigo Testamento, retomada no Novo Testamento por São João Baptista, com a sua exortação “Convertei-vos e acreditai no Evangelho”, parece ter sido retomada por Nossa Senhora a partir de 1830.

No mundo sem Deus que se pretende criar a partir da Revolução Francesa, Maria adquire uma especial relevância, pelo seu empenho para a conversão, como se reza numa das Ladainhas Lauretanas do Santo Rosário, na nossa “Porta do Céu”.

Nesta perspectiva, compreende-se na sua plenitude a frase pronunciada e 24 de Abril de 1970, por São Paulo VI durante a sua visita ao Santuário de Nossa Senhora de Bonaria: **“Se queremos ser cristãos, devemos ser marianos, quer dizer, devemos reconhecer a relação essencial, vital, providencial, que une Nossa Senhora a Jesus, e que nos abre o caminho que nos conduz a Ele”**.

Existe um único modo de ser cristão: sê-lo como Maria, com a sua fé, a sua esperança, a sua caridade, o seu amor, a sua humildade e dedicação aos outros. Isto é o que Nossa Senhora ensina aos videntes nas suas mensagens durante as aparições, cumprindo as palavras de Jesus “Eu Te dou graças, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque mostraste aos simples as coisas que tinhas escondido aos sábios e entendidos” (Mt 11, 25).

Ao mesmo tempo, Maria manifesta o seu poder com a sua capacidade de intercessão por todos nós junto de Deus, se se cumprirem os seus pedidos. O expoente máximo da “Virgem Poderosa” encontra-se na Consagração da Rússia ao seu Imaculado Coração, feita pelo Santo Padre, conforme o seu pedido feito na terceira aparição em Fátima.

Este pedido da Virgem Maria foi finalmente atendido, a 25 de Março de 1984, por São João Paulo II, quando consagrou a Igreja e o mundo ao Imaculado Coração de Maria, em comunhão com todos os bispos, como lhes tinha solicitado em carta com data de 8 de Dezembro do ano anterior.

Importa não esquecer que naquela época o mundo se encontrava à beira de uma catástrofe nuclear, no auge da Guerra Fria. A crise dos euromísseis na Europa, as sucessivas alterações na cúpula do Partido Comunista Soviético que geraram uma grande instabilidade, o desafio lançado pelo presidente Reagan com a Iniciativa Estratégica de Defesa que provocou uma importante crise económico-social do sistema comunista ao não poder igualá-la, os movimentos de abertura na Europa de Leste, especialmente na Polónia, entre outros acontecimentos, levaram o Kremlin a considerar, pela primeira vez a possibilidade de um ataque

“preventivo” contra a Europa Ocidental, como a única solução para reverter as suas amargas perspectivas de recessão económica e de vulnerabilidade militar.

Antes de se cumprirem os dois meses da Consagração de São João Paulo II, a 13 de Maio, festa de Nossa Senhora de Fátima, explodiu por causas desconhecidas, o arsenal soviético de mísseis nucleares estratégicos armazenados na base naval de Severomorsk, no Ártico, inviabilizando a solução militar, por parte das autoridades russas. Pouco tempo depois, chegou ao poder Mikhail Gorbachev, que procurou implementar a reforma do sistema soviético.

Três anos depois, a 8 de Dezembro de 1987, festa da Imaculada Conceição, foi assinado, depois de árduas negociações, o primeiro e fundamental tratado entre os Estados Unidos da América e a URSS para a redução do armamento estratégico nuclear e a eliminação dos euromísseis, o que permitiu acabar com a ameaça de um apocalipse nuclear.

A constatação de que o sistema comunista era irreformável conduziu, em pouco tempo, ao colapso da União Soviética e ao desmoronamento de todo o império comunista. Ainda hoje, não se compreende como é que o mais terrível e duradouro dos totalitarismos se desintegrou sem violência e sem vítimas. O acordo de dissolução da URSS realizou-se a 8 de Dezembro de 1991, quando esta desapareceu e se converteu na CEI (Comunidade dos Estados Independentes). Nesse mesmo dia, Leningrado voltou a designar-se São Petersburgo. Por fim, a 25 de Dezembro desse mesmo ano, festa da Natividade do Senhor, a bandeira vermelha do Kremlin foi arreada definitivamente.

Tinham decorrido apenas sete anos entre a Consagração ao Imaculado Coração de Maria e a extinção do império comunista. Para muitos cristãos, a única explicação para essa mão invisível que guiou os acontecimentos foi uma providencial e especial protecção do Céu, sob os auspícios da Virgem Maria, honrando a sua última invocação “Rainha da Paz”.

Adaptado de “As Aparições da Virgem Maria – Doutrina e História”, José Manuel Díez Quintanilla



UMA OBRA EM MOVIMENTO

A mobilidade é um factor determinante no dia a dia de inúmeros sacerdotes e agentes da pastoral, catequistas, religiosas, professores e educadores. Muitas destas pessoas que prestam assistência, espiritual ou material, aos necessitados e aos mais jovens, dependem inteiramente de alguma forma de transporte. A Fundação AIS rapidamente se apercebeu desta realidade.

No final da década de 40, impulsionado pelos milhões de refugiados e deslocados de guerra desde 1945, o Pe. Werenfried, fundador da AIS, começou logo a recolher dinheiro para adquirir “veículos para Deus”, como lhes chamava. Inicialmente eram para os chamados “padres de mochila” que iam de mota ao encontro dos fiéis católicos. A partir de 1950 começaram a circular os primeiros “camiões-capela” e, uma vez que os refugiados não tinham casa nem igreja, estes camiões estavam equipados com um altar, a fim de se poder celebrar a Missa para os fiéis ao ar livre.

Nos países do chamado Terceiro Mundo e na Europa de Leste, as dificuldades de acesso às comunidades são enormes, seja porque as estradas estão degradadas, seja porque as distâncias a percorrer são imensas, seja ainda pelos escassos meios de transporte disponíveis para que sacerdotes e demais colaboradores pastorais possam realizar o seu trabalho.

Enquanto nalguns locais um cavalo ou uma mula são indispensáveis para o trabalho pastoral, noutros pode ser necessária uma camioneta, um veículo todo-o-terreno ou até mesmo um barco ou um avião. Nalgumas situações ajudamos também a custear a manutenção destes veículos. Entre as dezenas de milhares de projectos financiados pela Fundação AIS, houve dois que tiveram grande impacto: a compra e envio de centenas de camiões do exército suíço para o Brasil, na década de 70, e o financiamento e construção de “barcos capela” para a pastoral no rio Volga e no rio Don, nos finais da década de 90.

Em 2021, apoiámos um total de 1.338 meios de transporte: 539 automóveis, 245 motorizadas, 539 bicicletas, 7 barcos, 3 camiões e 5 autocarros. Procuramos, assim, garantir que bispos, sacerdotes e religiosas consigam chegar às mais remotas e isoladas regiões do mundo, para transmitirem a mensagem da Boa Nova. A Fundação AIS ajuda a ultrapassar também este obstáculo.

